

Leandro Bertolo surge com um novo álbum

PÁGINA 3



Longa une Hitler e Stalin num ambiente onírico

PÁGINA 6



O cearense Iago Xavier convence em Cannes

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

# Um sopro de lembrança

Carlos Malta lança no dia 7 álbum com temas reiventados a partir do repertório da Pimentinha



**Carlos Malta reuniu músicos da nova geração para acompanhá-lo em 'Pimentinha Sessions'**

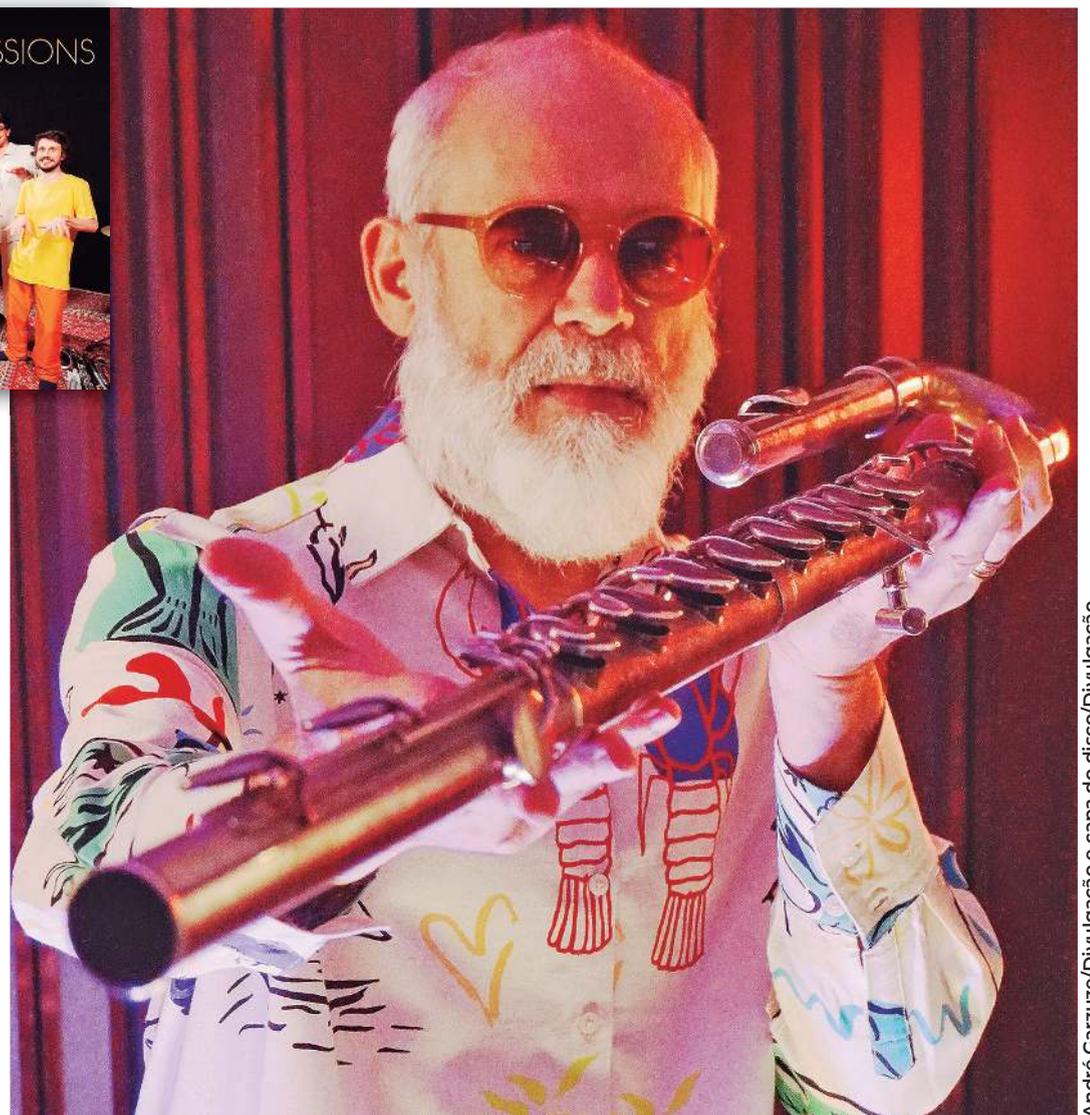
Um dos instrumentistas mais conceituados do país, Carlos Malta lança no próximo dia 7 o álbum "Pimentinha Sessions", uma obra que promete mostrar a essência da música instrumental brasileira aliada ao universo das canções eternizadas na voz Elis Regina.

Com a coprodução do músico com a Mills Records, o álbum traz uma abordagem única ao apresentar clássicos do repertório da Pimentinha. O trabalho traz as faixas que fizeram parte do último disco da cantora: "Vivendo e Aprendendo a Jogar" (Guilherme Arantes), "O Trem Azul" (Lô Borges e Ronaldo Bastos), "Alô, Alô, Marciano" (Rita Lee e Roberto de Carvalho) e "Se Eu Quiser Falar com Deus" (Gilberto Gil) - uma jornada de música instrumental repleta de referências e inovação.

O projeto em homenagem à Elis Regina começou com o relançamento de "Pimenta", em janeiro deste ano (o álbum foi originalmente lançado em 2000).

Dando continuidade, para "Pimentinha Sessions" Carlos Malta reuniu um time de jovens músicos para dar vida ao novo formato das músicas escolhidas: Antonio Fischer-Band (piano), Giordano Gasperin (contrabaixo), Haroldo Eiras (guitarra), Matu Miranda (vocalizes), Antonio Sechin (saxofone) e Fofó Black (bateria).

Para celebrar estes dois álbuns, Carlos Malta fará apresentação especial de lançamento com o show 'Pimenta Pimentinha' no Espaço Ecovilla Rihappy - Teatro Tom Jobim no próximo dia 9. **Continua na página seguinte**



André Garzuze/Divulgação e capa do disco/Divulgação

# PORELLIS

# Dialogando com a eternidade

André Garzuze/Divulgação



Carlos Malta e os músicos que o acompanharam num álbum de brihante ousadia

**A**rtista inquieta, Elis Regina sempre buscou renovar-se, desde o início da carreira. Lá por 1980, pressentindo mudanças de rumo numa MPB na qual suas escolhas e caminhos eram determinantes a nortear outros artistas, ela resolveu gravar compositores tanto mais novos que ela como de outras origens estéticas. Gravou, por exemplo, o pop-rock de Roberto de Carvalho e Rita Lee (Alô, Alô Marciano), o pop de Guilherme Arantes (“Aprendendo a Jogar”) e o progressivo mineiro Lô Borges (“O trem azul”).

Em comum aos três, além da pouca idade, uma extraordinária inventividade melódica e harmônica, e informações musicais diferentes e posteriores da formação de Elis, aquela origem incrível calcada

no samba, bolero, bossa, a canção popular e no jazz. Os três partiam disso tudo, para além. Elis aparentemente queria seguir nesses novos rumos (como, aliás, fizera tantas vezes antes).

Não por acaso, o flautista e saxofonista Carlos Malta escolheu esses três temas - e mais um, “Se Eu Quiser Falar com Deus”, do compositor da geração de Elis que talvez tenha melhor feito também essa transição, Gilberto Gil - para estas “Pimentinha Sessions”, na verdade quatro temas que continuam agora em 2024 o álbum “Pimenta - Tributo a Elis Regina”, lançado em 2000 e que no início do ano chegou às plataformas digitais.

Se o repertório do álbum abordava o repertório digamos “clássico” de Elis e da MPB - de “Garota de Ipanema”, um Tom e Vinicius de

1962, a “O bêbado e a Equilibrista”, canção da dupla João Bosco e Aldir Blanc de 1979 - sua continuação segue a trajetória de Elis, o curto, intenso e renovador período de 80 a 82, ano da morte precoce da cantora, aos 36 anos.

E se havia dúvidas quanto à intenção renovadora de Carlos Malta nas “Pimentinha sessions”, no álbum original ele trabalhou com músicos de sua geração e agora, sem exceção, escolheu a dedo uma banda de músicos bem mais novos que ele: gente como o pianista Antonio Fischer-Band, de 26 anos, Giordano Gasperin no baixo, 33, o guitarrista Haroldo Eiras, 27, o cantor Matu Miranda, de 29, nos vocalizes, além de Antonio Sechin, de 27 anos, no saxofone e Fofó Black, 38 anos, na bateria, todos de gerações mais novas e estilos provocadores

em seus instrumentos (como os compositores escolhidos por Elis).

O resultado faz jus à ousadia. “O Trem Azul”, também fazendo jus ao título, é uma viagem de 11 minutos em torno da música de Lô Borges, com o tema apresentado pela flauta de Malta, depois pelo piano de Antonio Fischer, e em seguida aberto a inesgotáveis improvisos guiados pelas incríveis variações rítmicas propostas pela cozinha de Gasperin e Fofó Black.

Trata-se, talvez, da versão mais compatível com o espírito da composição de Lô - aberta, brasileira, meio psicodélica - e do Clube da Esquina em geral, e da intenção de Elis em gravá-la naquele momento. O auge dessa versão inovadora se dá quando por sobre a “cama” da flauta baixo de Malta em uníssono com o sax soprano de Antonio Sechin,

Haroldo Eiras e Matu Miranda trançam guitarra elétrica e voz no improviso. Som novo total.

No quesito fazer jus, nada supera no entanto “Alô, alô, Marciano”, que talvez pela letra humorística de Rita Lee sempre é apresentada como uma canção ligeira. Aqui, nas “Pimentinha sessions”, guiado pelo sax soprano de Carlos Malta o tema é apresentado quase como um bebop, o fraseado dos instrumentos de sopro sempre curtos, inventivos sobre uma variação rítmica sempre nervosa, sincopada, com espaço também para interessantes improvisos vocais de Matu Miranda. Depois dessa sessão, o tema de Roberto de Carvalho entra definitivamente para o panteão de standards brasileiros.

“Aprendendo a Jogar” também faz jus à sua incrível estrutura harmônica e é a que mais se aproxima, pelo menos na apresentação do tema, com a forma que Elis a apresentou em 1980. E, apesar dos intensos improvisos de sax, guitarra, voz e assim por diante, o que chama atenção nessa faixa é o conjunto tocando junto, desdobrando-se sobre o tema principal alegre, extrovertido de Arantes, uma bela peça de jazz capaz de incendiar qualquer festival (sobretudo se em palco aberto, num fim de tarde, aquele clima de felicidade total encontrando-se com uma tri-lha compatível).

Gilberto Gil, que pode ser visto como tal em meio ao repertório e à banda de garotos, tem sua canção-soliloquio clássica tratada como um blues, uma balada a ser saboreada nota a nota (e suas variações propostas pelos músicos). Malta apresenta o tema no clarinete baixo com respeito e sotaque jazzístico. E aí inicia-se a pura diversão para quem toca e ouve com atenção, as variações sobre a melodia de Gil dando nova dimensão à conversa com Deus proposta na letra original.

Afinal, redescobrir músicas feitas há tanto tempo no repertório de uma cantora que já se foi também há tempos, e apresentá-las assim tão novas e cheias de ideias, também é uma forma de se dialogar com a eternidade.

# Com as bençãos de Kleiton Ramil

'Almamaneira' é o novo álbum do cantor e compositor gaúcho Leandro Bertolo



Renan Caumo/Divulgação

Leandro Bertolo reuniu músicos de peso em seu novo projeto 'Almamaneira'

Compositor, cantor, intérprete e violonista, o gaúcho Leandro Bertolo está de volta com seu mais novo álbum, "Almamaneira", trabalho com produção refinada abençoado por um dos maiores representantes da música gaúcha, Kleiton Ramil, que ajudou a

construir a história da MPB nas últimas quatro décadas ao lado do irmão Kledir.

"Fiquei contente com o convite e acredito, pela nossa convivência, que este título peculiar e muito inspirado, define o artista, o homem que sai do seu cotidiano, do seu casulo, de suas personas e se apre-

sentia de coração aberto, em doze belas canções, revelando-se uma caixa de surpresas com inusitadas nuances", revela Kleiton.

O álbum conta com um seleto elenco de profissionais na técnica e músicos do primeiro time da MPB. Com arranjos de Dudu Trentin, Luis Henrique New e

Elias Barboza, saltam aos olhos um luxuoso time de instrumentistas: além do próprio Kleiton Ramil (vocalizes), Marcelo Martins (sax), Jessé Sadoc (trompete), Kiko Freitas (bateria) Gilberto Oliveira (guitarra), João Baptista (baixo), André Siqueira (percussão), e o cantor Marcio Celli são alguns dos que emprestaram seus talentos.

Esse grande elenco refina ainda mais as delicadezas nas harmonias e letras. "Compositor de soluções harmônicas invejáveis, melodias originais e insinuantes, apenas acompanhadas por seu violão de toque precioso, já seria suficiente para arrebatrar muitos admiradores", encanta-se Kleiton.

"Almamaneira" chega ao mundo no triste momento em que o estado do Rio Grande do Sul está passando. Não por menos, Bertolo se sensibiliza profundamente e busca redesenhar sentidos. "O ano de 2024 está castigando severamente o nosso Estado através de uma enchente devastadora...a solidariedade aflorada num inesgotável empenho para os resgates e doações demonstra que o amor não encontra limites de atuação. O poder está no amor, o poder é o amor", comove-se.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Signos no amor

Do Norte de Minas, a cantora e compositora Ju Dourada lança o clipe e single "Papo de Signo", uma faixa bem-humorada que mistura MPB, pop e samba. "Papo de Signo", conta a artista, é assumidamente inspirada em uma história real sobre um amigo do produtor Lauro Santana, que teve um relacionamento afetado pela incompatibilidade de signos. A música faz parte do repertório do próximo EP de Ju e acompanha uma campanha de financiamento coletivo para concluir o projeto.

Divulgação



Divulgação



### Encontro magnético

Confirmada no Rock in Rio 2024, a Imagine Dragons lança "Nice to Meet You", o terceiro single que antecede o aguardado álbum, "Loom", que será lançado em 28 de junho. A faixa de funk-pop é uma reinterpretação dos altos e baixos e da beleza que surgem nos estágios iniciais de um relacionamento. A banda também criou e revelou um videoclipe para a faixa, dirigido pelo colaborador de longa data da banda, Matt Eastin. Situado em meio à atmosfera nostálgica de um bar retrô, o vídeo captura o primeiro encontro magnético do vocalista Dan Reynolds e um novo interesse amoroso.

Divulgação



### Álbum a caminho

A banda indie-rock Foxes On The Run, de Mogi das Cruzes (SP) marca presença com seu mais recente single, "Skipping Stones", em colaboração com a multifacetada artista Luna Di. Desde sua formação em 2017, Foxes On The Run construiu uma base de fãs no Brasil e no exterior, conquistando ouvidos com sua fusão única de estilos clássicos do rock e sons modernos. Com "Skipping Stones", a banda oferece aos fãs um vislumbre do que está por vir com "Preys of Fate", próximo álbum do grupo com previsão de lançamento para o segundo semestre.

## CORREIO CULTURAL

Bia Mandarinino/Divulgação



Macaco Branco, músico e idealizador do projeto

## Rival Petrobras recebe uma roda só de sambas-enredo

Quem ama o carnaval carioca e os desfiles das escolas de samba e sabe de cor seus sambas-enredo mais emblemáticos têm encontro marcado nesta quarta-feira (29) no Teatro Rival Petrobras. É a estreia do projeto Roda de Enredo, idealizado pelo produtor musical, percussionista, compositor e mestre de bateria Macaco

Branco.

A proposta é apresentar um pouco da história de sambas-enredo antológicos e dos personagens que fazem parte do cenário das escolas. A roda terá como convidados Pedro Luís, Paulinho Mocidade, Bruno Ribas (Unidos de Padre Miguel) e Hudson Luiz (Acadêmicos do Tucuruvi - SP).

## Vilão confirmado

A Globo acertou quem irá substituir o ator Murilo Benício em “Mania de Você”, de João Emmanuel Carneiro, próxima novela das nove da emissora. Rodrigo Lombardi fará o grande vilão da trama e formará par com Adriana Esteves na produção.

## Alternativa

O SBT marcou a estreia de novela infantil de olho no público que não quer ver futebol na Globo. Escrita por Iris Abravanel, ‘A Caverna Encantada’ terá seu primeiro capítulo exibido numa quarta-feira, horário de jogo na emissora concorrente.

## Cobrança

Em 2016, quando esteve na Record, a atriz Nivea Stelmann afirma que sempre foi paga em dia. Porém, ela contou ao podcast Vaca Cast que após saída do canal, a emissora não tem arcado com pagamentos de direitos de imagem pelas reprises.

## Anote aí

Os artistas plásticos Ricardo Siri e Deborah Engel apresentam a exposição Arapuca, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Centro. Obras sobre a beleza das interconexões e armadilhas da vida a dois serão expostas a partir do dia 8.



# Nina Becker em show para caetanófilos

*Nina Becker: ‘Fazer este show e cantar essas canções, me traz a sensação do colo que recebia da minha mãe quando era pequena’*

Cantora volta ao Manouche em show com repertório inspirado em seu álbum mais recente

**N**ina Becker retorna nesta quinta-feira (30) ao Manouche com o show que estreou na casa em 2022, o “Love, Love, Love – um ensaio sobre Caetano Veloso” em que passeia pelas músicas do baiano que ouvia na infância. Este repertório integra o álbum mais recente da cantora que, além da carreira solo, Nina é uma das vocalistas da big band Orquestra Imperial.

Investigando a musicalidade dos discos do início da carreira de Caetano, nesse show ela traz reminiscências afetivas de sua primeira infância e da geração de seus pais, que viviam a juventude libertária dos anos 70. Nina faz sua leitura da sua casa quando era ainda criança. “Fazer este show e cantar essas

canções, me traz a sensação do colo que recebia da minha mãe quando era pequena”, comenta a cantora.

Com arranjos adaptados para a formação de sua banda atual, ela apresenta pérolas nem sempre muito conhecidas do grande público, como a delicada “Pelos Olhos” e a roqueira “Shoot Me Dead”, da fase londrina de Caetano. Outras que poderão estar no repertório, porque tudo é mutante e a cada show aparecem novas pérolas, são “Aracaju”, parceria com Tomás Improta, e a jazzística “Os Meninos Dançam” e algumas canções autorais influenciadas pela obra do artista como “Nuvem”, dela com o Marcelo Callado, e “Grão de Sal”, parceria com o Jonas Sá e Rubinho Jacobina, em um espetáculo em que a sonoridade é baseada no diálogo entre uma geração mais

recente, com Felipe Fernandes (guitarra), Paulo Emmery (baixo), Pedro Fonte (bateria) e a presença de Tomás Improta, pianista que fez participações icônicas nas turnês e nos discos da fase inicial da discografia de Caetano, como “Muito”, “Jóia” e “Cores Nomes”.

“Esse show tem a característica de ser meio flutuante e a cada edição aparece algo novo no roteiro. Isso porque, caetanófilos como eu, têm dificuldade de eleger canções favoritas dentre tantas dos primeiros discos da sua carreira. Tem gente que vai em todos - e nunca se arrepende.”, conta Nina.

## SERVIÇO

**NINA BECKER - LOVEL, LOVE, LOVE**

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese) | 30/5, às 21h  
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro, que será doado para os abrigados do Rio Grande do Sul)

**C**abelos orgulhosamente crespos, roupas personalizadas que exalam autenticidade e muito amor preto envolvido. Esses são alguns dos elementos que compõem o espetáculo multilinguagem “Amor de Baile”, que mergulha na efervescência cultural do movimento Black Rio, destacando a afetividade e o empoderamento racial presentes nos bailes da década de 1970.

Idealizada por Juliane Cruz e Junior Melo, com texto de Tati Villela, direção de Rei Black, produção de Wellington de Oliveira, a peça promove reflexões sobre o amor entre pessoas racializadas como uma poderosa ferramenta de resistência ao racismo, celebrando a estética e a autoestima da população negra brasileira.

A partir das múltiplas linguagens poéticas que permeiam o Baile Black da década de 70, em paralelo à manifestações artísticas da periferia contemporânea, a peça valoriza a afetividade dos encontros gerados por esse movimento. Tati Villela, dramaturga do espetáculo, destaca: “Dando espaço para as sensorialidades através do balanço dos corpos e da música, os corpos negros dizem por si só. Como diz Leda Maria Martins em ‘Afrografia da memória, nosso corpo fala’, reflete. Ao mesmo tempo, “Amor de Baile” também questiona a criminalização da cultura favelada e suburbana, promovida pelos efeitos do racismo estrutural, institucional e midiático.

Em meio à ditadura militar, os Bailes de Soul Music fomentaram a produção artística suburbana e a exaltação da estética e autoestima da população negra brasileira. “Beije sua preta em praça pública” dizia a capa do Jornal - Movimento Negro Unificado. Partindo dessa provocação, o espetáculo “Amor de Baile” aborda quais ferramentas de luta contra o racismo a juventude black dos anos 70 utilizou para se aquilombar e combater o racismo, como destaca Juliane Cruz, atriz, dramaturga e idealizadora do projeto. “Para além do amor romântico, amor como um movimento político, como fenômeno



O espetáculo ‘Amor de Baile’ estreia nesta quinta no Teatro Sesc Tijuca

# NOSSOS CORPOS FALAM

Espectáculo revive os bailes da periferia da época da Black Rio para trazer reflexões sobre afetividade negra e empoderamento racial

social, amor pela sua negritude e pelo seus iguais”, ressalta.

Sob a perspectiva estética, política e poética da frase “Black is beautiful!”, movimento cultural iniciado nos Estados Unidos, é desenvolvida a narrativa da peça,

como ressalta Rei Black, diretor artístico do projeto. “Nos meados dos anos 70, com a influência deste movimento, os negros passaram a assumir sua própria identidade com orgulho e atitude. Mesmo nos anos de maior repressão da ditadura, foi

possível reconectar nosso povo preto, unindo milhares de pessoas com o propósito de dançar, se reconhecer e se amar”, destaca.

Com uma linguagem contemporânea, lúdica e afro futurista, “Amor de Baile” é um espetáculo multilinguagem. “Há teatro, dança, canto, poesia, audiovisual e muito amor entre pessoas pretas, resgatando memórias e retratos vividos por pessoas que atravessaram e viveram essa revolução preta no subúrbio carioca”, ressalta o diretor artístico.

A abordagem de luta contra o racismo no Movimento Black Rio aconteceu através da cultura, da festa e do entretenimento, influenciando de forma significativa em como a geração atual se fortalece em relação à autoestima, identidade e comportamento, como evidencia Junior Melo, ator, produtor e idealizador do projeto. “Como público alvo, visamos alcançar não só a geração que lotava as pistas daquela época, mas também uma juventude que bebe do legado desse grande movimento cultural, sem nem mesmo conhecê-lo”, destaca.

50 anos depois do surgimento do Movimento Black Rio, é possível ver sua importância sendo reconhecida em vários níveis, seja em exposições ou no cinema. Dom Filó, produtor cultural que participou ativamente do movimento, assume a supervisão geral do projeto e comemora este feito. “Agora chega a vez da dramaturgia, com a peça teatral ‘Amor de Baile’. Eu, como sujeito da ação, sendo um dos que viveram todo o processo, me sinto honrado em contribuir com esse projeto. E mais ainda, ter o privilégio de fazer parte de uma narrativa pensada e produzida por negros descendentes da herança africana que construiu este país. Gratidão pela oportunidade”, conclui.

## SERVIÇO

AMOR DE BAILE  
Teatro II Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)  
De 30/5 a 30/6, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)  
Ingressos R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7 (associado Sesc) e gratuitos (PCG)

Divulgação

# Fábulas da História



Os líderes históricos da II Guerra se reúnem em 'Conto de Fadas', de Sokurov

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A**s 21h desta quarta-feira, no Estação NET Rio, tem sessão de um dos filmes mais corajosos da década: “Conto de Fadas” (“Fairytale”), de Alexander Sokurov. Aos 72 anos, com 52 prêmios em uma carreira iniciada em 1974, entre os quais o Leão de Ouro dado a seu “Fausto”, em 2011, o diretor não acetou a censura a produções russas que se abateu sobre o audiovisual, como retaliação às ações de Vladimir Putin na guerra da Ucrânia e aproveitou seu status de antipatizante a todas as formas de totalitarismo para deixar circular uma das experiências sensoriais de maior radicalismo de sua obra. “Skazka” é o título original do longa-metragem.

Há cerca de dois anos, a fita concorreu ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, na Suíça, onde Sokurov foi premiado, em 1987, por “A Voz Solitária do Homem”.

“Não existe ‘era uma vez’, nem

Tem sessão do polêmico novo longa do diretor russo Alexander Sokurov, figura sempre inquieta que une Hitler e Stalin num ambiente onírico no longa ‘Conto de Fadas’

existem elementos de animação, mas existe a recriação quase fabular de figuras políticas reais, com uma moral da História. Foi um garimpo de arquivos, no qual tudo o que você ouve vem de depoimentos reais colhidos em documentos e em registros fonográficos. Mas não é um documentário. É uma provocação fabular”, afirmou Sokurov ao Correio da



Sokurov: ‘Não existe ‘era uma vez’, nem elementos de animação, mas existe a recriação quase fabular de figuras políticas reais, com uma moral da História’

Manhã, em Locarno.

Sempre acompanhado de seu tradutor pessoal, Sokurov sabe que não é o momento oportuno para um filme russo tentar a sorte. Porém, a potência do que ele criou transcende geopolíticas, ao resgatar imagens de Hitler, Winston Churchill e Stalin nua releitura mitológica, como se os três estivessem num Purgatório.

“O momento pelo qual a Rússia passa hoje é duro. Durante o governo soviético, eu tive a honra de ser amigo de Andrei Tarkovsky (diretor de ‘Nostalgia’ e ‘Solaris’) e dividi com ele o gosto de poder ver a vida por diferentes prismas, valorizando sua complexidade. O que se pode dizer de mais concreto sobre o governo de Putin é que ele é algo complexo. Muito do que se

passa e território russo hoje já estava prenunciado nos escritos de Tolstói, está nas páginas de ‘Guerra e Paz’. Mas falta memória. E eu nem sei dizer se ‘Conto de Fadas’ gera memória. Ele questiona...”, diz Sokurov.

Quando bateu seus olhos criteriosos na delirante alegoria de Sokurov com Stalin e Hitler a falar sobre Poder, à sombra de Cristo, o curador de Locarno, o crítico suíço Giona A. Nazzaro, disse ter provado de uma sensação cinéfila única.

“Estamos falando de um exercício de autor que vai deixar espectadores de cabelos em pé. É uma expressão estética que nada a ver com o que ele fez antes e nada a ver com o que fará depois”, disse Nazzaro, referindo-se a um processo transcendental de entendimento da Eternidade, do Divino e das bestialidades cometidas na II Guerra sob a ótica de lideranças políticas associadas a genocídios.

Hitler já havia sido retratado por Sokurov antes, em “Moloch” (1999), que ganhou o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes.

“Minha premissa em ‘Conto de Fadas’ era retratar figuras políticas proeminentes do século XX, num lugar fronteiro à fantasia que fazemos delas. Napoleão Bonaparte matou milhares de pessoas em nome da França, invadiu países, desrespeitou os códigos legais de muitas sociedades. Ele se enquadra na concepção histórica do Mal, chegou a ser estudado como vilão. Mas, hoje, há quem o veja como herói. É esse relativismo que me interessa. Eu procuro retratar o que sabemos dessas pessoas, deslocando-as de sua condição circunstancial de Poder e abordando suas inquietações emocionais. Hitler aparece no meu filme como uma figura triste. Stalin aparece cansado, esperando saber quando a Morte vai chegar. É um reflexo da tortura eterna a partir da qual enquadro os dois”, diz o cineasta.

“E esse enquadramento que busco, na imagem, depende do som, depende dos diálogos que eu reuni. Não faço cinema com medo da palavra. O verbo é parte da energia cinematográfica”.

Locarno Film Festival

Músico e ator, Iago Xavier sai de Cannes consagrado como revelação de 'Motel Destino', thriller erótico de Karim Aïnouz que concorreu à Palma de Ouro

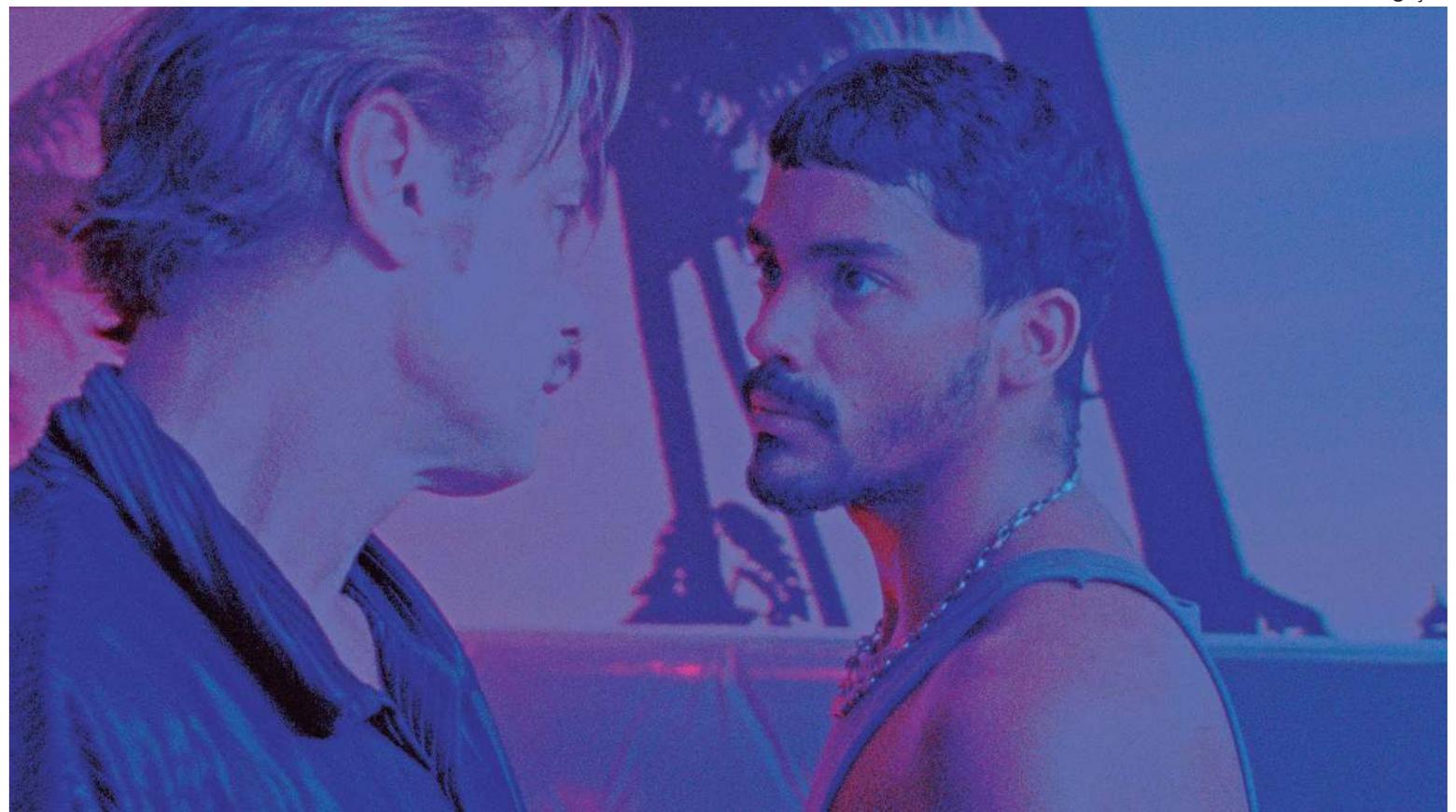
Por **Rodrigo Fonseca**

Um dos saldos mais positivos (para o Brasil) da passagem de "Motel Destino" pela competição de Cannes, na semana passada, foi a revelação de uma nova estrela: Iago Xavier. Selecionado num teste com quase 500 candidatos, o cearense de 24 anos, egresso do bairro de Pirambú, Fortaleza, atraiu holofotes do planisfério cinéfilo em massa em sua passagem pela Croisette no thriller erótico de Karim Aïnouz.

A força de sua atuação é galvanizada pela parceria com Nataly Rocha e Fábio Assunção, com quem forma um triângulo de prazer e de fúria.

"É algo gigante para quem é do Ceará ver o seu estado na tela de Cannes, e é também uma responsabilidade. Comecei a fazer teatro com 17 anos e quando entrei no teste para o filme não acreditava que conseguiria passar. A gente sempre duvida, né? Mas é bonito poder fazer parte de trabalhos que se comunicam com muitas pessoas", diz Iago ao Correio da Manhã.

Tem sempre areia nas camas do Motel Destino, hospedaria para amores fugazes localizada à beira de estrada numa praia do Ceará. É Dayana (papel de Nataly) que mantém a organi-



Iago em cena com seu antagonista, o experiente Fábio Assunção, no elogiado 'Motel Destino', longa lançado pelo cearense Karim Aïnouz no Festival de Cannes

## Um achado do Ceará

zação dos quartos. Ela ri quando fica nervosa. Ri num desatino quando o perigo se aproxima, mas sabe se zangar com clientes que inventam desculpas, fazem orgias ou inventam motivos para não pagar. Pensou que esse era o caso de Heraldo (personagem de Iago) quando o rapaz alegou ter sido roubado pela moça com quem passou a noite, antes de adormecer. Mas o sujeito falava a verdade. Não toda. Ele não contou, por exemplo, que está jurado de morte e que acabou de ter seu irmão assassinado. Ia matar um francês que mora na região, a mando de sua chefe, numa organização criminosa, mas negou fogo, ou melhor, atrasou-se para a missão – o que deu ruim... muito ruim. Mas Dayana se encanta por ele e tenta disfarçar o desejo

“Karim (Aïnouz) é um cineasta com muita generosidade, com muita escuta para as opiniões da equipe e do elenco”

Iago Xavier

que sente de seu companheiro (e misto de chefe), Elias (papel que pode dar a Fábio Assunção uma consagração há muito merecida na telona).

"Heraldo é uma pessoa injustiçada, com um destino cruel,

desamparado de amor. Vejo nele o peso das novas gerações que olham para as pessoas de gerações anteriores com uma cobrança de que elas possam resolver tudo", diz Iago.

A vontade que Dayana tem de se livrar desse Elias, um homem que só lhe trata bem quando quer chamego, é grande. Mas ela sabe quem tem direito a um percentual alto no faturamento do Destino, pois, afinal, trabalhou para isso. O problema é como tirar Elias do jogo.

Até esse questionamento vira à tona, Dayana já arrebatou a plateia do novo filme de Karim Aïnouz, exibido em competição no 77º Festival de Cannes, graças ao desempenho inquieto e cativante de sua intérprete, Nataly. Seu modo franco de falar a

encaixa num rol de personagens nacionais que se expressam sem filtros, sendo direta e cortante. Igualmente arrebatador é o desempenho de Igor como Heraldo, um sonhador que anseia pela chance de ter sua oficina mecânica em São Paulo, deixando a rotina cearense para trás. Já Elias só pensa em ampliar seu motel. Vai para Fortaleza comprar brinquedinhos eróticos e pensa em obras para melhorar o atendimento. Ele só não pensa no bem-estar de Dayana. Nem é capaz de imaginar a trama digna de um filme dos Irmãos Coen (como "Gosto de Sangue" ou " Fargo") que se desenha ao seu redor.

"Karim é um cineasta com muita generosidade, com muita escuta para as opiniões da equipe e do elenco", diz Iago, que se expressa ainda na dança, no desenho e sobretudo na música. "Eu tenho um coletivo de reggae chamado Piraroots, que a gente coloca sempre na praça pra todo mundo curtir. Gosto de saber que posso ser um artista plural, que pode trabalhar em muitas frentes e levar minha cidade, meu bairro, meu estado até elas".

# Arte que sai da tela e ganha novas formas

Artista plástico mineiro Diego Mendonça transforma coleção de pinturas de crianças em bonecos de estanho

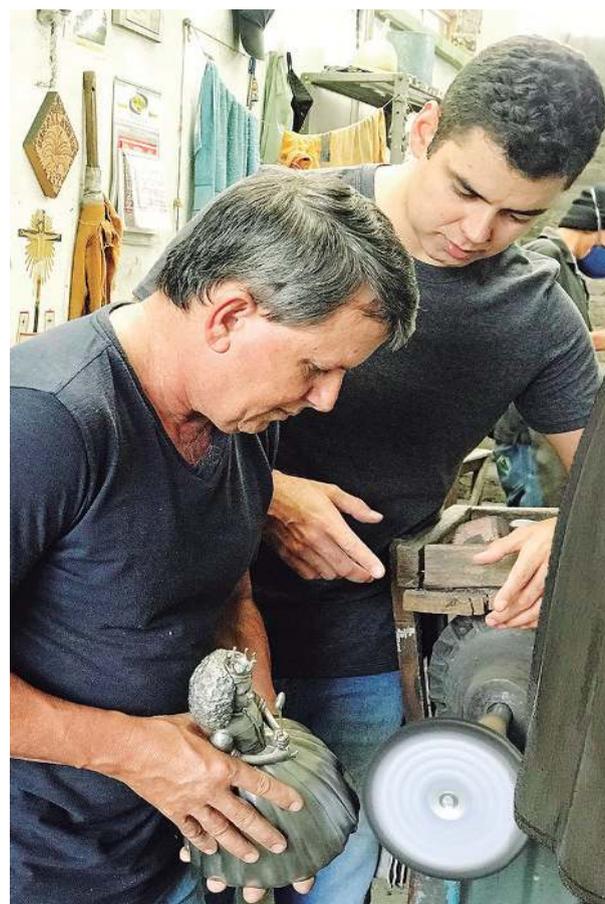
O artista plástico Diego Mendonça lança nesta quinta-feira (30) a Boneca de Estanho, dando vida à sua coleção de pinturas que retratam crianças com roupas da realeza, mas com estampas africanas, cada uma delas representando um direito ou sentimento necessário ao desenvolvimento infantil.

Diego Mendonça empresta sua arte para dar voz à ancestralidade e à herança africana, tão presentes em nossa cultura, bem como confirma a tradição do estanho na identidade histórica de São João del-Rei, cidade natal e sede de seu ateliê.

A boneca será produzida no ateliê Estanhos Faemam, fundado em 1984, pelas mãos do artista Luciano Roberto do Nascimento, que trabalha com estanho desde 1987.

Com uma técnica aprimorada e esse conceito, o artista mostra aquilo que as crianças, seja qual for a sua cor, necessitam: amor, alimento, palavra de Deus, oração, cuidado, luz e dedicação. Dessa maneira, por intermédio da arte, oferece ao observador aspectos da nossa sociedade que precisam ser urgentemente revistos.

Se existe um objetivo, é acabar de vez com qualquer dúvida que recaia sobre a existência e a potência da cultura negra brasileira. Essas crianças não são notas



**A boneca foi produzida no ateliê Faemam, fundado em 1984, pelas mãos de Luciano Roberto do Nascimento. Diego acompanha o processo**

de rodapé, são o tema que atravessa todos os capítulos do que se chama de arte brasileira, pelas mãos de Diego Mendonça que, em 2023, recebeu o Prêmio Top of Mind, na categoria Artista Internacional, e vem se destacando no Brasil e no exterior, com trabalhos seus nas mãos de diversas personalidades.

Em uma das principais cidades históricas do Brasil, as peças artesanais em estanho trazem consigo uma natureza simbólica que mantém viva sua identidade cultural, através da religiosidade, das procissões, dos sinos típicos do local, ao lado da arquitetura colonial e outras manifestações históricas

A produção de estanho teve início no século 18, quando era usado na confecção de utensílios domésticos e litúrgicos. Mais tarde, foi substituído por objetos de alumínio e de outros materiais. Porém, na década de 60, o antiquário inglês John Lionel Walter Somers, trouxe de volta a fabricação de peças de estanho, consoli-



**Acima, a tela que inspirou a escultura**



dando e fortalecendo a tradição. Fábricas de produtos feitos com esse mineral foram se multiplicando pela cidade mineira.

Mas, mesmo feitas hoje em dia, as peças guardam as mesmas características coloniais do século 18. Um elo com o passado que guarda a tradição e a identidade histórico-cultural da região.